



O FIO VOLTA À PELE NA ESCRITA: estudos culturais da educação desde a Paraíba

Franklin Kaic Dutra-Pereira¹

o que podem os estudos culturais
corpos histórias vidas
estudos culturais currículo diferença
feminismos cultura escrevivências
epistemologias afetivas afetos
subjetivação docente
inclusão social
deficiência intelectual
violência de gênero equidade
espaços seguros falas e silêncios
pedagogias culturais identidades escrita
estudos culturais da educação
desde a paraíba
o que podem os estudos culturais
corpos histórias vidas
feminismos cultura escrevivências
estudos culturais da educação
desde a paraíba

¹ Doutor em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, professor da Universidade Federal da Paraíba – PPGE/UFPB, franklin.kaic@academico.ufpb.br.

O que podem os Estudos Culturais da Educação na Paraíba? A pergunta talvez se aproxime daquela provocação lançada por Spinoza e retomada por Deleuze: “o que pode um corpo?” (Deleuze; Parnet, 1998, p. 50). Não como busca por uma essência, mas como abertura para pensar as forças, os encontros e os afetos que fazem um corpo variar, mover-se, compor-se e transformar-se. Um corpo pode nos encontros que o atravessam, nas intensidades que o deslocam e nas fissuras que produz diante das formas que tentam contê-lo.

Assim também os Estudos Culturais da Educação, desde a Paraíba, não cabem em definições rígidas, porque sua potência nasce justamente dos encontros que produzem. Podem tensionar currículos endurecidos, deslocar epistemologias colonizadas, fazer vibrar as margens da universidade, inventar linguagens para aquilo que durante muito tempo foi silenciado. Podem produzir rachaduras nas verdades que organizaram quem podia falar, pesquisar, ensinar e existir.

Desde a Paraíba, os Estudos Culturais da Educação podem afirmar que conhecimento também se produz nos corpos dissidentes, nos cotidianos escolares, nas escrevivências, nos feminismos, nas experiências da deficiência, nos afetos e nas culturas populares do Nordeste. Podem transformar a pesquisa em território de invenção ética, estética e política. E talvez sua potência esteja na capacidade de fazer da educação um espaço de criação de outros mundos possíveis.

Por isso, os textos que compõem este dossiê nasceram de encontros. Encontros com leituras, com memórias, com deslocamentos teóricos, com inquietações políticas e com experiências vividas no interior da disciplina “Seminários em Estudos Culturais da Educação”, ofertada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (PPGE/UFPB). Os artigos aqui reunidos carregam marcas de conversas, tensionamentos e



afetações que atravessaram o cotidiano das aulas e fizeram da escrita uma superfície de implicação com o presente.

Ao intitular este dossiê de “O fio volta à pele na escrita”, evocamos a potência de uma escrita que não se afasta da vida, mas retorna a ela. Uma escrita que toca os corpos, as diferenças, as disputas culturais, as pedagogias e os modos pelos quais somos produzidos em meio às relações de poder que atravessam a educação contemporânea. Nesse movimento, os Estudos Culturais não aparecem como um campo fechado ou uma teoria estabilizada, mas como uma formação discursiva múltipla, aberta e permanentemente atravessada por deslocamentos, marcada pela instabilidade, pela disputa e pela recusa ao fechamento disciplinar.

Os Estudos Culturais deslocaram radicalmente as formas de compreender cultura, educação e política. Ao romperem com perspectivas elitistas de cultura, passaram a reconhecer as práticas cotidianas, os artefatos culturais, as mídias, os corpos, os currículos, as identidades e os modos de vida como espaços legítimos de análise e problematização. Como destacam Costa, Silveira e Sommer (2003), a cultura deixa de ocupar apenas o lugar da erudição e passa a ser compreendida em sua pluralidade, incorporando múltiplas formas de existência e significação.

No Brasil, a articulação entre Estudos Culturais e Educação ganhou força a partir da década de 1990, especialmente com a emergência de linhas de pesquisa e produções acadêmicas que passaram a tensionar os referenciais pedagógicos tradicionais e a produzir novas leituras sobre cultura, identidade, diferença e currículo. Esse movimento permitiu a ampliação de investigações voltadas às pedagogias culturais, aos processos de subjetivação e às disputas em torno das diferenças, abrindo espaço para pesquisas interessadas em compreender como os sujeitos são produzidos nos múltiplos espaços da cultura.

Na Paraíba, essa movimentação também encontra materialidade no percurso histórico do PPGE/UFPB. Registrado no Relatório da plataforma Sucupria, na quadrienal 2022-2025, criado em 1977, inicialmente com área de concentração em Educação de Adultos, o Programa passou por importantes reestruturações ao longo de sua trajetória, ampliando suas áreas de atuação e suas linhas de pesquisa.

Em 2002, com a criação do doutorado, já emergia uma aproximação com questões relacionadas à cultura e à comunicação, por meio da área de aprofundamento em Educação Popular, Comunicação e Cultura, com cinco linhas de pesquisa: 1. Fundamentos e processos em educação popular; 2. Educação de jovens e adultos; 3. Políticas públicas e práticas educativas; 4. Educação e movimentos sociais; e 5. Estudos culturais e tecnologias de informação e comunicação, conforme a Resolução CONSEPE nº 35/2002.

Posteriormente, em 2007, consolidou-se a linha de pesquisa Estudos Culturais da Educação, ao lado das linhas de Educação Popular, História da Educação, Política Educacional e Processos de Ensino-Aprendizagem (Resolução CONSEPE nº 52/2007). Desde então, essa linha tem possibilitado a produção de pesquisas comprometidas com problematizações contemporâneas sobre diferença, cultura, currículo, mídia, gênero, sexualidade, raça, inclusão, identidades e pedagogias.

É justamente nesse horizonte que os textos deste dossiê se movimentam: investigando a educação não apenas na escola, mas também nos discursos, nas imagens, nos afetos, nas políticas, nas narrativas e nas pedagogias culturais que constituem a vida social contemporânea. São textos produzidos desde a Paraíba, mas que se conectam a debates amplos e urgentes da contemporaneidade. Em comum, compartilham o entendimento de que a educação não pode ser reduzida a práticas escolares formais, pois ela também acontece nos encontros culturais, nos dispositivos midiáticos, nas redes sociais,

nos discursos políticos, nos processos de representação e nas disputas em torno dos modos de existir.

Como apontam Wortmann, Costa e Silveira (2015), os Estudos Culturais em Educação possibilitaram ressignificar questões tradicionais do campo pedagógico, analisar múltiplas pedagogias culturais e problematizar processos implicados nas relações entre identidade e diferença.

[...] a articulação entre Educação e EC tem possibilitado, na medida em que ela impede que se proceda a uma delimitação definitiva desse campo intermediário, múltiplo ou híbrido de estudos, ou mesmo que se busque centrá-lo obrigatoriamente em uma única e definitiva direção. As análises dos ECE têm se voltado a um anteriormente negligenciado território de pesquisa, que questiona a produtividade da cultura nos processos educativos em curso nas sociedades de hoje. Então, mesmo não esquecendo que os estudos sobre Educação e os Estudos Culturais se constituíram em trajetórias históricas distintas, argumentamos que, na articulação operada entre ambos, diferenciadas temáticas, bem como múltiplas ações educativas passaram a permitir que se lide com uma gama ampliada de instituições, práticas, artefatos e produções em operação nas sociedades atuais. (Wortmann; Costa; Silveira, 2015, p. 34).

Portanto, os textos que compõem este dossiê movimentam diferentes entradas nos Estudos Culturais da Educação, produzindo conexões entre currículo, feminismos, inclusão, deficiência, subjetivação, violência de gênero, escrevivências e experiências acadêmicas. Embora distintos em suas temáticas e percursos metodológicos, os artigos compartilham uma mesma disposição ética e epistemológica: a recusa em tratar a educação como um território neutro, universal ou estabilizado. Em vez disso, fazem da pesquisa um espaço de problematização das formas pelas quais somos produzidos culturalmente em meio às disputas do presente.

Neste dossiê, encontra-se a nossa força epistemológica que emerge desde a Paraíba e que se inscreve nas maneiras pelas quais os Estudos Culturais da Educação vêm sendo praticados no interior do PPGE/UFPB. Não

se trata apenas da incorporação de um referencial teórico ao campo educacional, mas da construção de modos específicos de pesquisar, escrever e produzir conhecimento desde o Nordeste brasileiro. Modos que deslocam centralidades acadêmicas, questionam hierarquias epistemológicas e afirmam a potência das experiências, dos cotidianos, das diferenças, dos artefatos culturais e das margens como lugares legítimos de pensamento. Os textos recusam a pretensão de neutralidade científica que historicamente sustentou parte da produção acadêmica moderna.

Abrindo o dossiê, Ornella Pollini, em “Fabular los estudios culturales: Algunas reflexiones sobre la propia experiencia investigativa para ensayar caminos comunes y encontrarnos más allá de las disciplinas”, propõe uma reflexão sobre a própria experiência investigativa como possibilidade de fabulação e encontro. O texto desloca fronteiras disciplinares e aposta na construção de caminhos comuns, compreendendo os Estudos Culturais como espaço de travessia e invenção coletiva.

Na sequência, Yanina Roldán, em “Epistemología, cultura y feminismos en la postgraduación: inscripciones afectivas del currículum”, tensiona os modos pelos quais os feminismos e os afetos atravessam a pós-graduação e o currículo. Ao discutir inscrições afetivas no espaço acadêmico, a autora evidencia que os processos formativos também são marcados por sensibilidades, experiências corporificadas e disputas epistemológicas que povoam gênero, cultura e produção de conhecimento.

Em “Os nós que me (re)compõem: uma cartografia com escrevivências”, Josefa Jaqueline Batista Brito e Franklin Kaic Dutra-Pereira produzem uma escrita implicada com as memórias, os afetos e os processos de constituição de si. A cartografia e as escrevivências aparecem como possibilidades de acompanhar os fios que atravessam os corpos e as experiências, fazendo da escrita um território de composição, deslocamento e reinvenção.

Em “Todo mundo odeio o currículo”, Amanda Omar convoca o currículo para o centro da crítica cultural. O texto provoca leituras sobre os modos pelos quais os currículos organizam afetos, normas, expectativas e violências, questionando suas promessas de neutralidade e suas formas de governo dos sujeitos.

As discussões sobre inclusão aparecem em diferentes artigos do dossiê. Em “Lazer e Inclusão Social de Jovens com deficiência intelectual: uma reflexão à luz dos Estudos Culturais”, Vitória Monteiro de Moraes e Taísa Caldas Dantas analisam as relações entre lazer, cultura e inclusão social, escrevendo sobre os modos pelos quais jovens com deficiência intelectual experienciam espaços sociais e culturais.

Ainda no campo da inclusão, Esther Lobo de Farias e Taísa Caldas Dantas, em “O professor e a inclusão escolar: uma leitura foucaultiana da subjetivação docente”, discutem os processos de subjetivação implicados na docência contemporânea. A partir de uma leitura foucaultiana, as autoras analisam como o discurso da inclusão atravessa a constituição dos sujeitos docentes, produzindo modos específicos de ser professor/a na escola contemporânea.

Já em “Estudos culturais, violência de gênero e currículo: por uma epistemologia da equidade”, Josineide Barbosa Pereira e Amanda Caline da Silva Omar tensionam as relações entre violência de gênero, currículo e produção de conhecimento. O texto reivindica uma epistemologia comprometida com a equidade, colocando em análise os modos pelos quais as violências de gênero atravessam os espaços educativos e os processos curriculares.

Há, portanto, neste dossiê, uma aposta ética, estética e política na escrita enquanto espaço de invenção. Uma escrita que não pretende oferecer respostas definitivas, mas produzir perguntas, deslocamentos e fissuras. Uma escrita que retorna à pele porque não separa pensamento e vida, teoria e



experiência, pesquisa e implicação. Os textos aqui apresentados carregam as marcas desse processo coletivo de formação e experimentação vivido na disciplina, afirmando os Estudos Culturais da Educação como campo potente para pensar os desafios do presente e para imaginar outros modos de pesquisar, ensinar e existir.

Estes artigos reunidos não oferecem respostas acabadas. Eles se aproximam muito mais de exercícios de pensamento, de escritas que interrogam a contemporaneidade e que fazem da pesquisa uma prática de deslocamento. Aqui forjamos e expandimos os estudos culturais com as fabulações, as escrevivências, os currículos, os feminismos, os processos de inclusão, as subjetivações e as experiências acadêmicas. Os textos insistem em afirmar que pesquisar em educação também implica disputar modos de vida, de existência e de produção de mundos possíveis.

Assim, “O fio volta à pele na escrita” torna-se também uma imagem para pensar os próprios Estudos Culturais da Educação desde a Paraíba: um campo que se faz nos encontros, nas afetações e nas conexões entre corpos, culturas, experiências e diferenças; um campo que produz conhecimento desde o Nordeste brasileiro sem pedir autorização epistemológica aos grandes centros; um campo que transforma a escrita em território de invenção, disputa e existência.

Referências

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 36–61, maio 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/FPTpjZfwdKbY7qWXgBpLNCN/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 03 jun. 2026.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.



WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em educação no Brasil. **Educação**, v. 38, n. 1, p. 32–48, 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/18441>. Acesso em: 04 jun. 2026.

Recebido: 04/06/2026
Aceito: 04/06/2026